

RADICAL INDETERMINAÇÃO: EPISTEMOLOGIA E OBJETO CIENTÍFICO DA COMUNICAÇÃO¹

Lucrécia D'Alessio Ferrara²

Resumo: *Análise epistemológica dos conceitos da comunicação enquanto instrumento social e enquanto meio interativo. Se enquanto instrumento, a comunicação se submete aos padrões epistemológicos determinados pelos objetivos aos quais serve, enquanto meio interativo, constitui um ambíguo território de investigação porém, com sólidas promessas de outras e, talvez, novas propostas científicas.*

Esta possibilidade se evidencia através de uma epistemologia que supera parâmetros tradicionais, para considerar um objeto que, como potencialidade de base científica é, sobretudo, ambivalente: imprevisível, mas complexo; móvel, mas indeterminado; instigante, mas banal. Este novo objeto científico impõe à epistemologia da comunicação outros desenhos teóricos na revisão de suas bases tradicionais e outros recursos metodológicos na observação da realidade social e cultural.

Palavras-Chave: *comunicação, epistemologia, objeto científico, interação, investigação*

1. A epistemologia de um campo científico

1.1. O campo científico como base epistemológica

Não terá todo pensamento digno deste nome a ambição de se mostrar impecável? Não naquilo que deixa de discutir ou questionar; mas, certamente, naquilo em que ganhe contornos de uma forma completa, acabada, decidida, com a qual pretende apreender a vida em sua inteireza. (Maffesoli, 2007)

Essa impecabilidade e essa inteireza têm sido implacavelmente perseguidas pelas tentativas de construção de uma filosofia da ciência e a epistemologia da comunicação não foge a essa regra. Além disso, o processo cognitivo tradicional define, entre as várias

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do XVII Encontro da Compós a ser realizado na UNIP. São Paulo, S.P. em junho de 2008

² Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Programa de Comunicação e Semiótica
lucrecia.dalessio@terra.com.br

noções de epistemologia “ a relação que se estabelece entre o sujeito indagativo e o objeto inerte” (Houaiss, 2004) Assim, aos anteriores predicados almejados pelo conhecimento científico, se acrescenta um outro: à impecabilidade e inteireza explicativa , exige-se a adição da inercia do objeto e esses elementos parecem ser condições do rigor científico. Porém, a epistemologia da comunicação traduz essas condições, à medida em que as transfere para a definição do próprio campo científico. Entretanto, essa tradução incorre em certa redução cognitiva, pois minimiza a possível complexidade do objeto a fim de adequar o conhecimento à necessidade de caracterizar o campo científico. Embora referindo-se à sociologia, Bourdieu, autor de citação recorrente na definição do campo da comunicação, é corajoso ao equacionar as contradições e dificuldades dessa definição no âmbito da ciência sociológica:

Como é possível que a actividade científica, uma actividade histórica, inscrita na História, produza verdades trans-históricas, independentes da História, fora de qualquer relação com o lugar e o momento, portanto eterna e universalmente válidas?.....Portanto, aquilo a que chamamos epistemologia corre sempre o risco de ser apenas uma forma de *discurso justificativo da ciência* ou de uma posição no campo científico, ou ainda, uma repetição falsamente neutralizada do discurso dominante da ciência sobre si mesma. (Bourdieu, 2004. p 11e17)

Porém, essa contradição não é exclusiva da sociologia, mas atinge todas as áreas do conhecimento e, portanto, chega à comunicação que, ao definir sua epistemologia, parece pretender estabelecer seu campo científico através daquilo que o determina e caracteriza:

“ Uma das características que mais diferencia os campos é o grau de autonomia e, ao mesmo tempo, a força e a forma do requisito de admissão imposto aos recém-chegados.... Quanto nos interrogamos acerca da confiabilidade de um campo, referimo-nos a propriedades que têm todas a ver com o grau de autonomia....(Porém,) A autonomia não é um dado, mas uma conquista histórica, sempre renovada” (Bourdieu, 2004, p. 70)

Desse modo, epistemologia e campo científico parecem mesclar-se, confundir-se ou relativizar-se em certo dogmatismo que impede o exercício vital da ciência:

“ Dirigindo um olhar irônico sobre o mundo social, que revela, desmascara, descobre o escondido, a sociologia não pode eximir-se a dirigir este olhar sobre si mesma, não com a intenção de destruir a sociologia, mas, pelo contrário, de a servir; de se servir da sociologia da sociologia para fazer uma melhor sociologia((Bourdieu, 2004, p. 15)

O confronto entre epistemologia da comunicação e o contorno do seu campo científico tem surgido e sido a tônica de vários momentos dos últimos encontros do GT de Epistemologia da Comunicação que, ano a ano, se reúne na oportunidade dos encontros da Compós, fórum onde se procura definir o contorno epistemológico da área e seu território científico no diálogo que mantém com as Ciências Sociais Aplicadas, com a Filosofia e, cada vez mais, com a Tecnologia da Informação. Desse modo, esse estudo pretende dialogar com vários trabalhos apresentados naqueles GTs porém, mais especificamente, com as idéias de Luiz Martino (Compós, 2005), Francisco José Paoliello Pimenta (Compós, 2007), Fernando Andacht (Compós, 2005) e José Luiz Braga (Compós, 2007).

1.2. Limites e possibilidades da epistemologia de um campo científico

Em “Abordagens e representação do campo comunicacional” Martino enfrenta diretamente a definição daquilo que se pode entender como campo comunicacional ao apreender-lhe quatro fases (pré-científica, flerte com a ciência, científica e interdisciplinar) que sintetizariam as “ representações que a área tem feito de si mesma” tendo em vista a definição, mais de um campo, do que de uma ciência da comunicação.

Em “ A síndrome de Prometeu: um obstáculo no desenvolvimento do campo da comunicação” Andacht aponta, para a epistemologia da comunicação, a necessidade de enfrentar, na sua construção, o obstáculo que a reduz a um fato social circunscrito às dimensões das mídias que se apresentariam como objeto de uma comunicação às avessas, porque reduzida aos limites e recortes de um “ a priori” teórico-funcional do sujeito da investigação que determinaria o que e o como da comunicação.

Em “ Semiótica como teoria da representação e o campo da comunicação” Paoliello Pimenta se insurge contra restrições sociológicas do campo apontando-lhe, ao contrário, sua imprescindível e notável raiz semiótica enquanto representação sígnica estudada, como quer Peirce, enquanto dimensão ontológica do objeto na representação das suas possibilidades e qualidades que apresenta o objeto em dimensões mais indeterminadas, do que definidas.

Em “ Comunicação como disciplina indiciária” Braga sugere outra possibilidade de construção epistemológica através de uma metodologia que apresentaria vertentes mais

empíricas flagrando, ao vivo, o específico comunicacional. Surge o “estudo de caso” como alternativa para a subalterna transferência, para a área, de teorias produzidas em outros domínios do conhecimento, ainda que “adaptadas” à questão comunicacional.

Porém, nessa estrita perspectiva metodológica, informa-se que a comunicação não é uma disciplina indiciária, mas assim o será quando se volta à recolta dos índices que, como elementos singulares, permitem, pela frequência da sua incidência, a inferência de regularidades fenomônicas capazes de constituir de modo realista, seguro e, sobretudo, genuíno aquilo que se poderá entender como campo científico e autônomo da comunicação.

1.3. O campo científico da comunicação e o comunicar

Nos quatro trabalhos estudados, observa-se o constante interesse de construção de um campo científico da comunicação que, embora não deva ser entendido como uma dependência dos seus investigadores a uma hegemonia dogmática da área, não deixam de pretender o alcance daquela inteireza ou daquela impecabilidade das quais nos fala Maffesoli.

Conforme vimos através de Bourdieu, a definição de um campo científico, é mais do que justificável visto que, da sua constituição, depende a autonomia da área e ela é duplamente estruturante porque ao se definir, orienta ou justifica a investigação que nela se desenvolve. Mas essa dupla tarefa merece ser analisada.

Também acompanhando as observações de Bourdieu, outro pesquisador afirma no próprio encontro da Compós 2007: “ Dentro da concepção estruturalista que está na base de sua análise de campo, Bourdieu analisa dialeticamente as posições estruturadas com as práticas estruturantes dos agentes” (Lopes, 2007, p.3). Desse modo, um campo científico estabelece para seus investigadores análoga determinação funcional àquela que se verifica, em uma estrutura, entre as partes e seu todo. Desse modo, a definição de um campo científico da comunicação é duplamente útil: ao estruturar-se, estrutura o conhecimento que nele se produz.

Porém, a questão que nos colocamos é saber em que medida a constituição de um campo contribui para definir a relação propriamente cognitiva que ocorre entre um sujeito investigador, que não se coloca como célula irrefutável de um saber hegemônico, e um

objeto que não está inerte, mas vivo, nas constantes modelizações que lhe são sugeridas pelos contatos sociais, culturais, econômicos e tecnológicos que o envolvem.

Imerso naquelas constantes, mas vivo para conformar-se sem modelar-se por pressupostos e manipulações midiáticas, esse objeto não se apresenta, apenas, como ontologicamente indeterminado, mas surge epistemológica e cognitivamente presente nas modelizações que se liquefazem na própria ação que substitui o essencial “ser em comum” pelo “estar em comum” e traduzem a comunicação no comunicar, a ontologia na epistemologia, o campo científico na arquitetura de um objeto.

1.4. O comunicar como obstáculo para um campo científico

O comunicar coloca em dúvida o ser em comum como característica substancial e ontológica do ser, para evidenciar o estar em comum como ação partilhada, trocada individual e coletivamente na construção de um ambiente comunicativo. Naturalmente, esse ambiente não é mero efeito ou resultado de uma ação sócio-midiática e manipulatória que transforma o estar em comum na simples inércia que se observa em uma recepção programada para o entretenimento como fruição ou para a mediação como simples nexo atrativo.

Ao contrário, naquele ambiente, há que considerar a distância que ocorre entre a mediação como ação mecânica através dos meios técnicos e a interação como processo evolutivo ambiental e contextualmente situado e temporalizado ou, como quer Sodré, na proposta de geração de uma vida ambiental-coletiva que se constrói pela absorção e tradução de choques mediativos e tecnológicos transformados em interação vinculativa:

Vinculação, entretanto, é muito mais do que um simples processo interativo, porque pressupõe a inserção social do sujeito desde a dimensão imaginária (imagens latentes e manifestas) até a liberação frente as orientações práticas da conduta, isto é, os valores. Aqui se faz necessariamente presente o sentido ético-político do bem comum. (Sodré, 2002, p.223 e224)

Nessa esfera ética e política, o comunicar supera a comunicação como urgência de uma autonomia científica e se propõe como desafio epistemológico e cognitivo na relação entre homens e homens, homens e máquinas, homens e contextos, homens e natureza ou mente.

Nessa exigente epistemologia, o comunicar estabelece um outro vetor de consideração: o objeto científico da comunicação.

2. A epistemologia de um objeto científico

2.1. O objeto representado como possibilidade e qualidade de ocorrência

Em seu texto, Paoliello Pimenta observa que a definição de uma epistemologia da comunicação deve considerar a representação sígnica como instância propriamente definidora do seu objeto científico. Conforme a própria teoria de Peirce, à semiótica caberia o estatuto de uma ciência normativa que, ao lado da ética e da estética,, estabeleceria, não uma ponte, mas um elo entre a fenomenologia, a ciência das aparências, e a metafísica. Nesse sentido, configura-se a semiótica como parte da fenomenologia e a ela caberia inventariar as formas da aparência como representação. Porém, entre as representações das aparências, distingue-se a simples manifestação genuína e incondicionada (a primeiridade do ver); a representação contaminada pela experiência que exige a atenção e apreende diferenças entre o antes e o depois dentro de um fluxo temporal condicionado pelo confronto entre vivências e alteridades da experiência (a secundidade do atentar para) e , finalmente, a consciência sintética entre experiências que orienta o fluxo do tempo como possibilidade de aprendizagem e possível mudança de comportamento (terceiridade da generalização).

Parece, então, que as verdadeiras categorias da consciência são: primeira, sentimento, a consciência que pode ser incluída em um instante de tempo, consciência passiva de qualidade, sem reconhecimento ou análise; segunda, consciência de interrupção no campo da consciência, sentido de resistência, de um fato externo, de alguma outra coisa, e terceira, consciência sintética, ligação com o tempo, sentido de aprendizagem, pensamento (Peirce, C.P. 1.377 apud Ibri, 2001, p. 73)

Ora, nesse quadro e nos três casos, teríamos representações/signos porém com características muito distintas. Para a primeiridade, o objeto seria desenhado pela própria qualidade da representação e ele seria inerente, imediato e interno a ela, visto que, embora real, seria simples possibilidade de uma ocorrência; para a secundidade, ao contrário, o objeto teria determinações e limites igualmente reais, mas definitivamente existentes e resistentes e se proporia como desafio a exigir reação pronta e única a esboçar o caminho

da aprendizagem e do comportamento que, como outros objetos, constituiriam elementos genuinamente representativos, simbólicos, de natureza geral, universal, científica e metafísica à qual caberia “ especular sobre a *realidade* desses universais – tal é um dos papéis da *Metafísica*, a terceira ciência da Filosofia” (Ibri, 2001, p. 74)

2.2. O objeto científico como dualidade

Na clara e justa observação do seu ensaio, Paoliello Pimenta observa (p.5) que os processos sógnicos ligados à categoria da primeiridade seriam avessos à sua caracterização como comunicacionais, na medida em que se situam no âmbito da mera possibilidade de ocorrência, não se tratando, portanto, de nenhuma forma de intercâmbio e, portanto, de comunicação. Dessa afirmação, pode-se inferir que o objeto científico da comunicação assume a representação de algo real porque definitivamente existente, na medida em que atua na dualidade da troca e do intercâmbio em incessante movimento da alteridade.(Silveira, 2001, p. 203)

Nessa dinâmica, o objeto da comunicação não seria indeterminado porque simples possibilidade de ocorrência, mas indeterminado porque não se deixa balizar por contantes ou por variações controladas do seu movimento. A indeterminação se caracterizaria na dinâmica da experiência da troca e do intercâmbio e na alteridade dos elementos antagônicos essenciais à eles, portanto, a indeterminação suporia mais a mobilidade do realmente existente do que uma ontológica possibilidade de ocorrência. A representação apontada por Paoliello Pimenta que constitui elemento essencial para a definição do objeto científico da comunicação está centrada na existencial alteridade dos processos de troca e de intercâmbio e, sobretudo, na mobilidade de sua realidade que exige ser considerada para que se possa produzir uma epistemologia científica. Naturalmente, entende-se que essa produção não contempla, apenas, a caracterização de um campo, embora ele seja essencial àquela autonomia científica referida anteriormente; mas impõe, também, e, talvez, com prioridade, a definição de um objeto.

2.3. A ontologia e a epistemologia de um objeto científico

Considerada a mobilidade das trocas e intercâmbios comunicacionais, o desenho daquela epistemologia enfrenta duplo desafio: de um lado, definir o objeto que, na sua mobilidade, não se deixa fixar e assumir e, de outro lado e como consequência da dificuldade anterior, considerar a possibilidade de subverter o conceito de campo científico. Se considerarmos que, tradicionalmente, a autonomia de uma área depende do exclusivo domínio do objeto demarcado nos limites do seu território científico, será forçoso verificar aquele desafio epistemológico e sua imprescindível transgressão ou, no mínimo, revisão.

Portanto, se a representação constitui característica ontológica da comunicação, sua característica de alteridade, é imprescindível aos processos de troca e intercâmbio e constitui elemento epistemológico que se adiciona à característica ontológica da representação.

Porém, para que a comunicação se produza enquanto área de conhecimento, é imprescindível construir aparatos ou estratégias metodológicas eficientes na circunscrição de limites capazes de controlar aquela mobilidade que se faz tão mais intensa, quanto mais aqueles processos de alteridade são atingidos por choques sociais e culturais que decorrem de transformações econômicas locais e globais ou de contextos e ambientes, produzidos por mudanças tecnológicas que impõem outros padrões de vida e outros cotidianos.

Como se viu anteriormente, aquela alteridade se faz tão mais viva e móvel quanto mais intensas as características interativas dos ambientes e contextos, visto que a comunicação não é simples decorrência ou efeito de uma informação empacotada tecnicamente pelos meios, ao contrário, os próprios meios são comunicativos sendo técnicos e criam contextos que lhe são próprios, na medida em que produzem processos interativos que os distinguem e os identificam na história das tecnologias: da imprensa ao digital, a técnica e a tecnologia produzem, tal como aponta McLuhan, transformações sistêmicas e ecológicas que vão muito além das mecânicas emissões de informação através de um meio técnico:

Quero mencionar, explicando o meu próprio enfoque dessas questões, que o meu tipo de estudo da comunicação é um estudo da transformação, enquanto a teoria da informação e todas as teorias da comunicação existentes que conheço são teorias do transporte....Minha teoria ou preocupação é com o que esses meios de comunicação fazem às pessoas que os usam. O que a escrita fez às pessoas que a inventaram e a usaram? O que os outros meios de comunicação de nosso tempo fazem às pessoas que os usam? Minha teoria é uma\

teoria da transformação, da maneira pela qual as pessoas são mudadas pelos instrumentos que empregam. (McLuhan, 2005, p. 272)

A inferência que a citação possibilita é clara ao observar que a ação comunicativa não é simples passagem de informação ou de uma mensagem, mas sobretudo, operação cognitiva que decorre como consequência de interações sociais agenciadas através de meios técnicos, portanto, aquela mobilidade do objeto é inerente às características sociais e culturais produzidas pelos próprios meios de comunicação que se tornam, eles próprios, partes inerentes ao objeto. Desse modo, a circunscrição daquela mobilidade supõe, por sua vez, observar a própria mudança tecnológica que atinge trocas e intercâmbios sistêmicos e ecológicos e que a epistemologia da comunicação se desenvolve a partir de metodologias estrategicamente elaboradas para enfrentar aquele objeto científico na sua mobilidade.

3. A epistemologia e a metodologia da comunicação

3.1. O método como epistemologia

A partir desse momento de reflexão, o diálogo com o texto de José Luiz Braga (2007) se impõe. O próprio autor é convincente ao afirmar que, em geral, o conhecimento da área tem sido produzido a partir de “ leis e regularidades expressas em teorias das áreas vizinhas” e “derivadas de outros modos de observação e análise” e com “ proposições abrangentes derivadas de elaborações ensaística ou de especulação filosófica”. Nas três observações que não se opõem mas se complementam, observa-se que aquela produção de conhecimento não está propriamente voltada para as questões epistemológicas decorrentes da natureza do objeto científico da comunicação e suas conseqüentes exigências metodológicas, ao contrário, estaria mais voltada para o interesse de definição de um campo científico que registraria um domínio estruturado e estruturante, ainda que fosse simples empréstimo ou decorrência de outras áreas do conhecimento. Um ambíguo domínio ou território partilhado ou emprestado.

Opondo-se a essa ambigüidade, Braga, prudentemente, não propõe uma definição da área da qual se poderia inferir um domínio científico, mas apresenta uma possibilidade metodológica. Daí não ser a comunicação uma disciplina indiciária, mas ela o será apenas e somente, quando o elemento indicial lhe servir de estímulo cognitivo. Ou seja, não se

procura enfrentar a definição de uma epistemologia de um campo científico, mas ao contrário, sutil e prudentemente, ela é definida pela natureza do objeto que a estruturaria metodologicamente. Altera-se o eixo do debate: da definição de um campo como cultura epistemológica passa-se à procura do objeto científico, ainda que metodologicamente traduzido.

Nesse âmbito, o objeto seria definido pelos índices de um contexto comunicativo sócio, cultural e tecnologicamente entendido e o método seria o indiciário, na esteira proposta por Carlo Ginzburg como requisito operativo adequado à investigação da natureza interpretativa da história das mentalidades. Ora, os índices são signos de representação da dualidade e alteridade realmente existentes e situadas e caracterizaria a troca e confronto de experiências; em consequência, seriam testemunhas sígnicas das características abrangentes e sistêmicas dos ambientes comunicativos vistos anteriormente.

3.2. A metodologia da comunicação como ciência sem objeto

A semiótica de Peirce apresenta o índice como decorrência da alteridade e com a aparência do fato duro:

Estamos continuamente colidindo com o fato duro. Esperavamos uma coisa ou passivamente tomavamo-la por admissível e tínhamos sua imagem em nossas mentes,, mas a experiência força essa idéias ao chão e nos compele a pensar muito diferentemente. (Peirce, CP. 1. 324 apud Ibri, 1992, p 7)

Conforme o autor, apesar da inequívoca aparência, a evidência do índice só ocorre se for forçada à percepção como experiência capaz de desestabilizar o hábito de ver e exigir a atenção como forma de dúvida que agencia a aprendizagem e a comunicação:

Entre as formas internas que assume a binaridade estão aquelas das dúvidas que são forçadas sobre nossas mentes. A própria palavra “dúvida” ou *dubito* é o frequentativo de *duhibeo* – i. é *duo habeo*, exibindo, assim, sua binaridade. *Se não conflitássemos com a dúvida, não encontraríamos a verdade.* (Peirce. C.P. 2.84 apud Ibri, 1992, p. 8)

Esta percepção forçada se apresenta, portanto, como experiência do índice enquanto indicador de uma realidade ou objeto realmente existente ou “ caso” concreto que apresenta, como aponta Braga, uma alternativa metodológica em oposição àquela

epistemologia aderente ao empréstimo teórico de campos vizinhos à comunicação, mas aquele indicador se propõe, simples e desprezenciosamente, como “estudos de caso”. Apesar de serem continuamente agenciados pela pesquisa em comunicação, os estudos de caso surgem como alternativas no âmbito de uma estratégia simplesmente metodológica operacionalizada através de recursos descritivos do fato como curiosidade e, desse modo, parecem não propor definitivos limites ao campo científico da comunicação. Nesse sentido, o maior interesse do ensaio de Braga está voltado para a recuperação do “estudo de caso” enquanto possibilidade de definição do campo científico, ou seja, elaborar, a partir do estudo de um caso, a definição de campo científico.

Porém essa possibilidade só se concretiza através do processo inferencial:

a base do paradigma indiciário não é colher e descrever indícios – mas selecionar e organizar para fazer inferências. Uma perspectiva empiricista ficaria apenas na acumulação de informações e dados a respeito de objetos singulares. Diversamente, o paradigma indiciário implica fazer proposições de ordem geral a partir dos dados singulares obtidos. (Braga, 2007, p. 6)

Ou seja, é necessário selecionar o objeto a fim de reduzi-lo, pela frequência da incidência indicial, aos elementos básicos que levariam a desprezar indicadores acidentais a fim de ser possível proteger os elementos essenciais (idem: 8 e 9) e, através deles, chegar às regularidades capazes de levar à explicação modelar, ou seja, pela “descrição reconstrutiva do objeto” (idem : 10) seria possível “em um esforço abduutivo, enxergar o geral no específico” (idem: 13). Alcançado esse objetivo, considerado transversal por chegar ao universal explicativo modelar a partir do particular, Braga explicita o núcleo do seu ensaio:

Nesse terceiro nível de inferências, que atravessa o conjunto de casos pesquisados na disciplina, encontra-se em processo a própria constituição do Campo de Estudos em comunicação.....essa produtividade pode e deve ser pensada enquanto modo gerador de conhecimentos mais amplos – constitutivos de um acervo de proposições teóricas *no âmbito próprio à disciplina da comunicação* . É com essa perspectiva que podemos considerar a comunicação uma disciplina indiciária.(Braga, 2007, p. 14 e15)

Desse modo, o método indiciário é um recurso que parte das características existenciais do objeto para delas inferir elementos explicativos e modelares capazes de gerar a autonomia do campo, com bases mais sólidas do ponto de vista empírico. Utiliza-se, portanto, a empiria para gerar a epistemologia de um campo científico que se utiliza do objeto, mas

para sobreviver sem ele. Ou seja, não se define a epistemologia que pode decorrer das peculiaridades existenciais do objeto mas, ao contrário:

A especialização abstrai, extrai um objeto do seu contexto e de seu conjunto, rejeita os laços e a intercomunicação do objeto com o seu meio, insere-o no compartimento da disciplina, cujas fronteiras quebram arbitrariamente a sistemicidade (a relação de uma parte com o todo) e a multidimensionalidade dos fenômenos, e conduz à abstração matemática, a qual opera uma cisão com o concreto, privilegiando tudo aquilo que é calculável e formalizável (Morin, 2003, p. 24)

Assim, e instigados pela reflexão de Braga, parece que para produzir uma outra epistemologia mais livre e, sobretudo, menos disciplinar seria necessário ressuscitar, na sua essência, a própria característica existencial do objeto na alteridade comunicativa em constante mobilidade.

3.3. O objeto da comunicação como mobilidade

Em outro trabalho, Braga (2007: 7 e 8) assinala que o objeto da comunicação vem marcado, de um lado, pela noção de interação que qualifica as várias relações sociais e constitui objeto partilhado com outras disciplinas das ciências sociais, ainda que submissas ao caráter específico de cada uma daquelas ciências; de outro lado, as interações passam a ser qualificadas e modificadas pelos processos tecnologicamente mediatizados e marcados “ por uma “penetrabilidade” processual que faz do midiático um *processo interacional crescentemente de referência*, mesmo nas comunicações interpessoais.” (Braga, 2007: 8) Porém, “as duas preferências explicitadas(interações e mídia) não resolvem suficientemente a questão do foco disciplinar, no sentido de uma suficiência para definir o campo de estudos”.

É necessário concordar com o autor em relação àquela insuficiência, se nos ativermos à necessidade de caracterizar um objeto que, inerte como existência, é passível de manipulações teóricas doadoras de sentido à realidade e, portanto, adequadas a uma disciplina científica, considerada tradicionalmente.

Certamente, se interações e meios constituem índices do objeto científico da comunicação, são claramente insuficientes porque, ao contrário do que pretende o autor em estudo, não são inertes, mas se relacionam de modo sistêmico e, interinfluentes, se manifestam na

circularidade de todos os processos comunicativos. Desse modo, não são aqueles índices que constituem o objeto científico da comunicação, mas a incessante circularidade que se processa pela interação entre relações sociais e meios, ambos igualmente comunicativos: os índices de existência daquele objeto constituem suas manifestações concretas, embora irregulares e em constante mutação. Como se sabe, a mobilidade interativa que caracteriza as relações sociais qualificadas pelos meios vão do domínio impresso inaugurado por Gutenberg e sem substituírem-se, mas superpondo-se, atingem o digital, com todos os processos mediativos que lhe são inerentes e constituem, atualmente, sua contextualização global e local: um hiper-índice quase símbolo no processo cambiante de uma fenomenologia para uma lógica, mas avesso a qualquer logocentrismo teórico ou antropocentrismo manipulador do objeto. Ao contrário e respeitando uma simetria entre o sujeito e o objeto colocados em relação de espelhamento na atividade cognitiva, ambos estariam em constante revisão e em contínua comunicação com a mobilidade do objeto.

3.4. A epistemologia do objeto da comunicação como desvio científico

Porém a epistemologia desse hiper-índice móvel se apresenta com outra lógica porque, naquela mobilidade, se relativizam todas as possibilidades metodológicas reconhecidas e consagradas em outras áreas de conhecimento. Ao contrário, aquela mobilidade exige, agora, uma real proposta abdutiva que abandone qualquer tentativa de resgate de um possível controle daquela mobilidade, controle que, se sabe de antemão, destinado a ser rapidamente superado ou consumido pelo inexorável movimento das interações. Como vimos, uma epistemologia logocêntrica se constituiria, aparentemente, na ausência do objeto e estaria condenada a contemplar um campo científico sem objeto pois, paradoxalmente, estaria forçada a optar pela neutralização do objeto, imobilizado na inferência dos seus padrões gerais.

Entretanto, se pudermos pensar em uma epistemologia fluída e em constante revisão do postulado de inteireza e totalidade que tem consagrado a ciência ocidental desde o século das luzes, será possível incorporar as manifestações banais ou irrelevantes que, por não se adaptarem aos padrões inferidos metodologicamente, passam incólumes ou são consideradas acidentes sem nomeação conceitual. Esse objeto banal, porque inadaptável,

se apresenta como elemento subversivo à urgência de caracterização de um campo científico que tende a desconsiderar todo acidente, a fim de ser possível contemplar aquilo que, “a priori”, é considerado como relevante.

Ao contrário, a incorporação daquele objeto banal desenharia, para a epistemologia da comunicação, um outro perfil científico, visto que seria tão paradoxal quanto seu móvel objeto. Nessa transgressão, recupera-se conceitos-chaves do pragmático conceito de ciência como “coisa viva” em evolução e falibilidade proposto por Peirce (C.P. I, 234), por Morin no seu célebre conceito de complexidade (2003, p. 30) ou por Boventura de Sousa Santos (2002, p. 39) quando propõe a revisão do senso comum como elemento vital para a produção de uma “virada epistemológica” na construção da ciência dos nossos dias. Essa epistemologia não poderia se nutrir de regularidades lineares que, do caso, levaria às regularidades-padrão, ao contrário, na transversalidade do modelo, incorporaria todas as irrelevâncias ou resíduos que seriam redesenhados naquela mobilidade onde tudo se transforma e se recupera. Desse modo, seria possível construir uma epistemologia aderente ao objeto, embora frágil e banal enquanto definição de um campo científico que, ao contrário, seria concebido como dispersão ou como desvio (Morin, 2003, p. 20) ao apresentar-se em constante e progressiva revisão da sua solidez:

Abandonemos a missão de Prometeu e tornemo-nos seres terrestres, quer dizer, cidadãos da terra. (Morin, 2003, p. 22)

4. Referências bibliográficas

ANDACHT, Fernando. **A síndrome de Prometeu: um obstáculo no desenvolvimento do campo da comunicação**. XIV Compós, Niteroi/RJ, 2005

BOURDIEU, Pierre- **Para uma Sociologia da Ciência**. Lisboa: ed. 70, 2004

BRAGA, José Luiz- **Comunicação, disciplina indiciária**. XVI Compós, Curitiba/Pr, 2007

BRAGA, José Luiz. “Pequeno roteiro de um campo não traçado” em **Cenários, Teorias e Epistemologias da Comunicação** (org. Jairo Ferreira), Rio de Janeiro: E-Papers, 2007

HOUAISS, **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004

IBRI, Ivo “Ser e aparecer na filosofia de Peirce: o estatuto da fenomenologia” em **Cognitio Revista de Filosofia II** São Paulo/ Programa de Pós Grad. em Filosofia . Pucsp: Educ/Angra, 2001

- IBRI, Ivo- **Kósmos Noetós a arquitetura metafísica de Charles Sanders Peirce**. São Paulo: Perspectiva, 1992
- LOPES, Maria Immacolata Vasallo de. **Comunicação, disciplinaridade e pensamento complexo**. XVI Compós, Curitiba/Pr, 2007
- MACLUHAN, Marshall- **Macluhan por Macluhan conferências e entrevistas** (Stephanie McLuhan e David Staines orgs). Rio de Janeiro: Ediouro, 2005
- MAFFESOLI, Michel. **O Conhecimento comum Introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2007
- MARTINO, Luiz. **Abordagens e representação do campo comunicacional**. XV Compós, Unesp/Bauru/SP, 2006
- MORIN, Edgar. “ Da necessidade de um pensamento complexo” em **Para Navegar no Século XXI**. Porto Alegre: Sulina, 2003
- PEIRCE, Charles Sanders. **Collected Papers**. (Charles Hartshorne e Paul Weiss orgs) Cambridge, Ma: Harvard University Press, 1934-1974
- PIMENTA, Francisco José Paoliello. **Semiótica como teoria da representação e o campo da comunicação**. XVI Compós, Curitiba/Pr, 2007
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução à uma ciência pós moderna**. Porto: Afrontamento, 2002
- SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. “A comunicação do ponto de vista pragmático” em **Cognitio Revista de Filosofia II** São Paulo/ Programa de Pós Grad. em Filosofia/ Pucsp: Educ/Angra, 2001
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho Uma teoria da comunicação linear e em rede**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002